

Palestra do Guia Pathwork® n° 022
Palestra Não Editada
31 de janeiro de 1958

SALVAÇÃO

Saudações em nome do Senhor. Trago-lhes bênçãos, meus amigos. Abençoada seja esta hora. Os anjos de Deus sempre tiveram a oportunidade de falar e se manifestar aos seres humanos. Muitos admitem a possibilidade dessas manifestações por parte de espíritos não desenvolvidos, mas, contraditoriamente, negam que seja possível uma comunicação com espíritos mais desenvolvidos, ou como quer que vocês os chamem. É uma visão curta, pois as leis da natureza e do universo precisam funcionar da mesma maneira para o bem ou para o mal, ou para as muitas esferas intermediárias. É somente uma questão de preparar e preencher determinadas condições. Se uma pessoa nega a comunicação com qualquer entidade desencarnada, essa crença pode ser errada, mas pelo menos tem alguma coerência. Mas admitir a possibilidade de uma e excluir a possibilidade de outra não faz sentido. Existem muitos meios de testar com quais espíritos vocês estão se comunicando. Qualquer pessoa que queira julgar precisa, em todos os casos, dar-se ao trabalho de estudar esse vasto tema de como colocar os espíritos à prova, e só depois terá condições de determinar de onde eles vêm. Já falei algumas vezes sobre esse assunto, e vou voltar a ele no futuro. Mas por enquanto só quero dizer o seguinte: se vocês ainda não tiverem o conhecimento necessário para determinar com que espíritos estão se comunicando, que leis estão envolvidas, como saber a diferença, etc., perguntem ao seu coração agora mesmo. Porque ali vocês vão encontrar a resposta, até certo ponto, desde que não deixem a dúvida amortecer os sentimentos. Se os sentimentos forem receptivos e abertos, vocês poderão encontrar e sentir harmonia ou desarmonia, amor, paciência, sabedoria e humildade – ou o contrário de tudo isso. Mas o coração de vocês só poderá falar e, assim, confirmar o que vocês querem saber se vocês estiverem receptivos, abertos e deixarem de lado, naquele momento, todos os preconceitos.

E agora, meus amigos, vou continuar a série de palestrar que comecei há algum tempo. Da última vez falei sobre a criação da terra, como ela passou a existir, como a humanidade foi evoluindo aos poucos. Eu disse a vocês que a terra é um produto, um quadro, por assim dizer, do anseio dos espíritos que caíram e que vivem na escuridão há muito tempo. Também disse que essa terra é igualmente o produto do anseio dos espíritos que permaneceram no reino de Deus, anseio de que seus irmãos e irmãs caídos voltassem à luz divina. E assim vocês podem encontrar aqui na terra beleza, amor e harmonia, e também podem encontrar o contrário, com todas as gradações intermediárias. Essa é a prova de que a esfera terrestre é um produto do mundo de Deus e do anseio dos espíritos caídos de reunir-se a Deus. Na esfera terrestre o homem tem a possibilidade, com seu livre arbítrio, de desenvolver-se e decidir de que lado vai ficar. Na natureza dele existem as duas correntes: a corrente boa, que veio de Deus e sua perfeição, e a corrente má que se acumulou, por assim dizer, durante a queda e depois dela. Entre essas duas correntes fica o eu consciente, que tem a pos-

sibilidade de decidir escolher a linha de menor resistência, que é sempre a natureza inferior do homem, ou o eu superior, que é o caminho mais difícil e estreito. Também disse que a comunicação com o mundo dos espíritos sempre existiu, mas no começo, quando a esfera terrestre era relativamente nova, era impossível para o homem comungar com o mundo de Deus porque ainda havia muitas correntes e atitudes impuras e não purificadas na alma, muitos desejos maus, muita cegueira para que fossem preenchidas as condições necessárias. É por isso que Deus sempre enviou à terra seres que não eram espíritos caídos. Alguns dos maiores profetas, alguns dos chamados santos pertenceram a essa categoria. Eles não traziam apenas a sabedoria, o amor e a pureza consigo para deixar sua marca na esfera terrestre mas, devido a essas condições, eles tinham a possibilidade de comunicar-se com os anjos de Deus. Isso é, em resumo, o que eu disse na última palestra. É a essência que vai preparar vocês para o que eu tenho a dizer hoje.

Gostaria de falar agora sobre a salvação de Jesus Cristo e seu verdadeiro significado. Na verdade, existem muito poucas pessoas que entendem o pleno significado dessa salvação, e não são as igrejas organizadas, que na maior parte absolutamente não entendem o que é a salvação. Muitas pessoas acreditam que Cristo morreu na cruz pelos pecados de todos, e que portanto ninguém é responsável ou deve prestar contas por seus pecados, falhas, fraquezas, etc., pois a morte de Cristo expiou a todos. É claro que isso, meus amigos, não pode ser. Não teria o menor sentido. Depois da explicação da verdadeira história da salvação, vocês verão que esse é um mal-entendido cômodo, mas também entenderão claramente como esse mal-entendido pode ter surgido.

Eu também disse que a salvação não ocorreu apenas na esfera terrestre, mas em todas as esferas existentes. Muito antes de existir esta terra, e depois da chamada queda dos anjos, sobre a qual falei pormenorizadamente há algum tempo, o plano de Deus era, em síntese, fazer com que todos os seres caídos tivessem os meios de voltar para Ele, voltar para a luz e a harmonia. Mas isso só poderia ser feito se as leis de Deus nunca fossem quebradas, nem mesmo com a finalidade de trazer de volta as criaturas caídas. Essa era de fato uma tarefa muito difícil de executar. Também expliquei que todo ser criado por Deus foi criado perfeito sob um aspecto. Todo ser representava um aspecto divino. A finalidade era que, com o poder de que esses espíritos eram dotados, eles mesmos estendessem essa perfeição a outros reinos. Vamos dizer, por exemplo, que um ser era perfeito em amor, outro em sabedoria, e assim por diante. Pois bem, com esse poder divino que todos então tinham, a meta era nos tornar perfeitos em todos os outros aspectos, chegando, em algum momento, a ser como Deus. Assim, outros mundos de beleza passariam a existir – mundos espirituais. Como vocês sabem, todo pensamento, todo sentimento, toda ambição, todo ato é forma em espírito, e assim cria sua existência. Vocês também sabem que muitos espíritos usaram esse poder divino para essa finalidade. E outros espíritos usaram o poder divino da maneira oposta, e por isso houve a queda. Depois da queda Cristo que, naturalmente, existia em espírito muito antes de nascer como homem, organizou, se posso usar esse termo, todos os espíritos do mundo de Deus, para usar toda a perfeição deles, em sua área particular, para ajudar nesse plano da salvação. Em outras palavras, os espíritos puros, em vez de continuarem e ampliarem sua própria perfeição, adiaram essa meta final com a finalidade de usar seu poder para arquitetar e trabalhar no plano da salvação – deste plano e de todos os outros. Estou falando ainda, é claro, das esferas divinas.

Nas esferas da escuridão foi preciso passar algum tempo antes de se poder fazer alguma coisa. Um número suficiente de espíritos precisava ter algum anseio por luz para que mundos mais iluminados, ainda no reino de Lúcifer, passassem a existir. Sem esse anseio, por mais inconsciente e cego

que fosse no início, nada poderia mudar, não importa o que tivesse sido arranjado pelo mundo de Deus. Na linguagem de vocês, passaram-se milhões e milhões de anos até que, por causa desse anseio, esta esfera terrestre começasse a existir. E quanto mais almas vinham viver na terra, porque estavam prontas para isso, por menor que fosse seu desenvolvimento, tanto mais avançava o desenvolvimento geral e individual. Pelo simples fato de viverem nesta esfera terrestre elas entraram em contato, pela primeira vez depois da queda, com algo divino, por mais que essa manifestação fosse, na maior parte, moderada. Nesse ínterim, Cristo estava ocupando, preparando e trabalhando no mundo espiritual de Deus, planejando e enviando vários espíritos puros para viver na terra, bem como organizando os ensinamentos que deveriam ser levados à humanidade por esses espíritos puros agora encarnados, ou através de inspiração e orientação ou através de comunicações com o mundo de Deus. Vocês não podem imaginar com que minúcia tudo precisava ser pensado, como esse trabalho foi meticuloso para que tudo estivesse de acordo com as divinas leis da justiça.

Naquela época, por mais que um ser humano estivesse espiritualmente desenvolvido, ao voltar para o Além ele continuava sob o domínio de Lúcifer. Como expliquei muito bem da última vez, todo aspecto divino se transformava em sua qualidade oposta. Portanto o livro arbítrio, que é divino, se transformava em domínio. E naturalmente Lúcifer não queria abrir mão do domínio que exercia sobre seus seguidores. Se, por exemplo, um ser humano, por causa da mudança de suas atitudes e da crescente harmonia com Deus, começasse a produzir luz e esferas belas no mundo espiritual, essas esferas continuavam pertencendo ao reino de Lúcifer, pois este não renunciava ao poder sobre aquela pessoa. Além disso, de qualquer modo naquela época ninguém estava tão desenvolvido a ponto de produzir apenas esferas de luz. As pessoas produziam e possuíam várias esferas, por assim dizer – harmônicas e desarmônicas. E, por falar nisso, isso acontece com cada um de vocês, com todos os seres humanos. Sempre que há falhas, fraquezas, cegueira, são criadas esferas correspondentes. Sempre que vocês são puros e purificados, vocês criam esferas bonitas. E vocês possuem as melhores, mas também as piores esferas que criaram. Qualquer ser humano relativamente desenvolvido poderia, assim, ter diversas esferas de luz, mas mesmo essas esferas continuavam sob o domínio de Lúcifer enquanto o trabalho de salvação não estivesse completado. Aliás, os chamados infernos não constituem apenas uma esfera de total escuridão e aflição, pois assim como há muitas gradações nas esferas divinas, ocorre a mesma coisa nas esferas de Lúcifer.

Quando um número suficiente de seres prontos e realmente conhecedores de Deus desejaram a união total com Deus, havia chegado o momento de ocorrer a maior parte do plano de salvação, que Cristo tomou a Seu cargo. A razão não era apenas Seu infinito amor e compaixão por todos os Seus irmãos e irmãs caídos, mas também o seguinte: durante o processo da queda, o primeiro espírito caído, Lúcifer, passou a ter uma enorme inveja de Cristo. Assim, era lógico que o próprio Cristo provasse Seu amor e Seu grande sacrifício e obra, não apenas para com todas as outras criaturas, mas para com o próprio Lúcifer, que através desse feito poderia um dia, no futuro longínquo, descobrir a possibilidade de volta a Deus e a felicidade final. Deus fez de Cristo o rei do universo e, como tal, Ele está pronto para ter não apenas os maiores privilégios, mas também as maiores responsabilidades. Ao suportar a mais pesada carga juntamente com a posição mais exaltada, Ele deu outro exemplo ao mundo.

Assim, quando chegou o tempo, Ele enfrentou Lúcifer. Agora, meus amigos, preciso pedir que vocês não pensem que tudo isso não poderia ter sido assim, porque parece humano demais. Todos vocês sabem que os seres humanos, não apenas como sujeitos e objetos, em idéias abstratas e concretas, mas também em qualquer espécie de forma, são apenas uma imitação limitada do que existia em espírito antes desse mundo material, só que em muito maior variedade. Muitas vezes os seres humanos pensam, quando mencionamos essas coisas, que os espíritos dizem, que têm determinados objetos, etc., que isso é humano demais, concreto demais. No entanto, em espírito, como eu já disse muitas vezes, tudo é concreto! Tudo é forma! Enquanto no mundo de vocês apenas os objetos materiais têm forma e as chamadas coisas abstratas não têm forma, pois são invisíveis para vocês. Em espírito não é assim. O amor é uma forma. Quando vocês têm um pensamento bonito, ele cria uma forma. Quando vocês têm um pensamento maldoso, ele cria outra forma – para nós, uma forma concreta. E portanto eu peço que vocês tenham isso em mente e não pensem nisso como algo infantil, pois Lúcifer e Cristo não conversariam entre si como dois seres humanos. Pode não ser exatamente da mesma maneira que quando dois seres humanos conversam; o procedimento é diferente. É um procedimento espiritual. Naturalmente, é impossível traduzir em linguagem humana. Portanto, a linguagem que usei é necessariamente limitada ao entendimento de vocês.

Retomando o fio, Cristo enfrentou Lúcifer e lhe disse: “Existe um número x de espíritos que não quer continuar fiel a você. Eles querem voltar para Deus. Portanto, você precisa libertá-los.” Lúcifer não concordou. Ele insistiu que não queria reconhecer a lei divina e usaria seu poder conforme quisesse. Cristo disse: “Nesse caso, haverá uma guerra entre nós, entre as suas forças e as forças do mundo divino.” Mas as chances deveriam ser iguais e isso significa, como já foi dito, que as forças divinas deveriam ser numericamente inferiores, pelo simples motivo que as forças do bem são infinitamente mais fortes que as do mal, talvez na proporção de vinte para um. Se um ser totalmente purificado lutar contra 20 seres muito impuros, a força do puro sobrepuja a força dos 20 impuros. Mas Lúcifer disse: “Mesmo que ocorrer essa guerra e mesmo que as forças divinas vençam e tirem meus poderes, não vou reconhecer que a lei de Deus é justa.” E como vocês sabem pelas minhas palestras anteriores, essa era uma parte essencial do plano da salvação, pois ninguém deveria ficar eternamente perdido, nem o próprio Lúcifer. E para que nunca fosse possível a perdição eterna, o próprio Lúcifer precisaria admitir, sempre, a justiça absoluta das leis divinas. Portanto Cristo perguntou a ele: “De que maneira você consideraria justos os poderes divinos?” E Lúcifer respondeu: “Se essa guerra ocorrer depois que tiver havido um ser do mundo de Deus, se você quiser, que viva como um homem sem nenhuma proteção em determinados momentos cruciais, e sem orientação da palavra de Deus, e como um homem no qual grande parte do conhecimento é obscurecido, no qual a matéria atrapalha, se ele continuar fiel a Deus apesar das minhas tentações e apesar de passar pelas maiores dificuldades e aflições se permanecer fiel a Deus. As condições precisam ser as mais difíceis. Eu oferecerei a essa pessoa todo o poder mundano possível e a livrarei de todas as dificuldades se ela trair Deus. Se ela permanecer fiel a Deus nessas condições, coisa de que duvido muito – na verdade, acho impossível – aí travarei uma batalha com você, e reconhecerei a total justiça das leis de Deus.” Vocês precisam saber, meus amigos, que todo ser humano tem sempre espíritos da guarda do mundo de Deus. Às vezes eles não conseguem chegar muito perto de algumas pessoas por causa da atitude delas, mas mesmo assim estão lá, mesmo que em segundo plano, e vigiam para que nada aconteça a seu protegido que não esteja de acordo com as leis da justiça de Deus ou que aquela pessoa seja fraca demais para suportar. Ser deixado sozinho nesta esfera terrena sem o apoio do mundo dos espíritos de Deus e ainda por cima precisando resistir a todos os ataques, desafios, dificuldades e tentações imaginados pelos poderes da escuridão seria uma tarefa difícil de executar. E nenhum ser

humano jamais precisou passar por nada como isso, nem no menor grau. Assim, Cristo não pode ser comparado com nenhuma outra pessoa que já viveu, por mais pura que tenha sido, por mais maravilhosos que tenham sido seus ensinamentos. Cristo mostrou, através de atos, o que outros ensinaram, e isso em circunstâncias infinitamente mais difíceis do que qualquer um tenha precisado!

Essas foram as condições impostas por Lúcifer para reconhecer a justiça das leis de Deus. Se essa tarefa aparentemente impossível fosse de fato cumprida, a batalha poderia ocorrer; e se ele perdesse a batalha, Cristo poderia expor Seus termos e ele, Lúcifer, não duvidaria da justiça de Deus em nenhum aspecto.

Esse era o plano. E Cristo assumiu a tarefa, embora Lúcifer não tivesse especificado que precisaria ser Ele, pelos motivos mencionados acima. Meus amigos, se vocês estudarem as Escrituras desse ponto de vista, vão entendê-las em um plano totalmente diferente. Tenho certeza de que a razão da vida e morte de Cristo fará sentido para vocês, pois não faria nenhum sentido Ele morrer na cruz pelos pecados que outros cometeram. Pois se vocês cometeram um pecado, vocês mesmo têm de repará-lo, e ninguém mais pode ou deve fazer isso em seu lugar! Se outra pessoa fizesse isso por vocês, não haveria purificação. Vocês não teriam a força que adquirem no processo da autopurificação, que os impede de cometer outros pecados. Enquanto a raiz do mal não é arrancada, ele continua a produzir frutos impuros. E cada um precisa arrancar as suas raízes do mal. Portanto, não foi esse o motivo de Cristo sofrer e morrer. Vocês também vão entender por que Ele ficou totalmente sozinho durante um longo tempo. Naturalmente, como homem, Ele não tinha o mesmo conhecimento que tinha como espírito. Se Ele tivesse o mesmo conhecimento, a tarefa não seria tão difícil. É claro que, como o mais elevado ser da criação, Ele tinha algum conhecimento – e muita força espiritual e sabedoria. Mas não haveria propósito algum em viver na terra se – e isso se aplica a todos – o mesmo conhecimento espiritual estivesse disponível como está quando a pessoa não está encarnada. Portanto, Cristo não sabia exatamente o que envolveria a Sua vida na terra. No decorrer dos anos, Ele recebeu algum conhecimento. Ele tinha uma vaga idéia, como qualquer um de vocês poderia ter uma vaga idéia – “tenho uma tarefa a cumprir” – mas o que pode resultar dela, qual será o desfecho, qual é o significado exato, vocês não sabem. E Ele também não sabia, e não deveria saber enquanto estivesse encarnado. Depois de um certo tempo, todos os anjos de Deus precisaram deixá-Lo. Estiveram com Ele durante algum tempo de Sua vida, mas não quando começou a tarefa realmente difícil. Eu também já expliquei a vocês que os ensinamentos que Ele trouxe eram importantes e maravilhosos, mas essa foi uma faceta adicional de Sua vida. Era uma linha paralela, por assim dizer. Sempre que alguma coisa acontece em estrito acordo com a vontade de Deus, não existe meramente uma boa razão e propósito, mas há muitos fatores em jogo, muitos bons propósitos a serem cumpridos com um só ato divino. Isso também se aplica a todas as pessoas. Mas trazer os ensinamentos não eram a Sua razão de viver como um homem. Belos como são, os ensinamentos não eram novos. Outras pessoas, anteriormente, haviam transmitido essencialmente os mesmos ensinamentos. Ele os adaptou ao tempo presente e levando em conta o permanente desenvolvimento da humanidade, mas isso foi tudo. Como já expliquei, a tarefa era que Ele, totalmente sozinho, totalmente separado do mundo de Deus, precisava resistir às tentações de Lúcifer, que se dedicou com o maior empenho possível ao esforço de fazer Cristo cair. Ele recorreu a todas as artimanhas, organizou todos os seus ajudantes e acreditem, meus amigos, apesar de certamente carecer de sabedoria e iluminação, Lúcifer não é obtuso e dispõe de grandes recursos com seus poderes sombrios. Por um lado, Cristo nada teve além de sofrimento, psicológico e moral, humilhação como vocês não podem

imaginar. E a humilhação e o sofrimento psicológico eram muito piores do que o sofrimento físico, este já imenso! Por outro lado, Ele foi submetido a todas as tentações do mundo da escuridão. Naturalmente, Cristo era o que vocês chamam psíquico – no maior grau. Suas qualidades mediúnicas eram muito mais fortes – não apenas em uma área, mas em todas – do que as de qualquer outra pessoa que viveu antes ou depois. Isso era uma vantagem enquanto o mundo de Deus estava próximo d’Ele, mas quando a ligação foi cortada, não passava de mais uma dificuldade, pois todas as manifestações que vinham até Ele se originavam do mundo da escuridão. Pela clarividência, Ele entrou em contato primeiramente com altos emissários do mundo de Lúcifer e mais tarde com Lúcifer em pessoa, que se mostrou como um belo ser que ofereceu a Ele todas as vantagens terrenas que Ele poderia desejar, e liberação imediata de todos os sofrimentos caso Ele aceitasse Lúcifer e desistisse de Sua idéia de Deus. Lúcifer escarneceu d’Ele nos piores momentos de sofrimento: “Onde está o seu Deus de amor e justiça? Se Ele existisse, permitiria que Seu amado filho passasse por tudo isso? Se o seu Deus não tem mais a oferecer, você não estaria melhor comigo? Veja o que tenho a oferecer. O seu Deus só pode oferecer a você sofrimento intenso e toda espécie de dificuldades”, e assim por diante. Vocês conseguem imaginar o que isso significava? Se Jesus soubesse o significado exato de Sua tarefa, não teria sido tão difícil resistir. Mas não devia ser assim. Por outro lado, ter dúvidas sérias nesses momentos cruciais, dúvidas sobre tudo – Sua verdadeira identidade, que havia algum propósito sábio e bom em todas as Suas dificuldades que Ele não conseguia entender no momento e, em resumo, sobre tudo que Ele havia aprendido nos anos anteriores – era inevitável. Muitas vezes Ele se perguntava se não estava iludido, se todo o seu conhecimento prévio não era produto da imaginação, etc. E Lúcifer ia imediatamente para o lado d’Ele nessas ocasiões, e reforçava esses pensamentos. Como Ele era homem, como havia matéria entre Ele e a verdade absoluta, é fácil de perceber como era extremamente difícil para Ele permanecer fiel a Deus e não ceder. Se as condições de Sua tarefa não fossem tais que até Ele duvidava às vezes, a tarefa não teria sido tão infinitamente magnífica! Portanto, Cristo precisava ter os mesmos obstáculos da matéria que qualquer outro ser humano, apenas intensificados ao maior grau! A substância material é uma cortina, e o homem precisa ir às apalpadelas para abrir essa cortina. Jesus Cristo precisou fazer isso, apenas em condições de extrema dificuldade, que, mesmo com essas explicações, vocês não têm condições de imaginar nem vagamente. Continuar no caminho certo nessas circunstâncias sem entender totalmente – meus amigos, vocês não podem saber o que isso significa. E ter a humildade de colocar Deus, apesar dessas dúvidas passageiras, acima de tudo, mesmo acima de Seu sofrimento e acima do Seu não entendimento da razão, essa era a tarefa. E na verdade parecia quase impossível que alguém pudesse executá-la. Mas Jesus Cristo conseguiu!

Com isso, Cristo havia satisfeito as condições segundo as quais o mundo da escuridão jamais poderia, em nenhum momento, alegar que as leis de Deus não eram justas, e ao mesmo tempo Ele deu um exemplo para todos os que nasceram depois d’Ele, meus amigos! Portanto, quando vocês estiverem sofrendo e não entenderem por quê, pensem em Jesus Cristo e na verdadeira história da salvação, e se conseguirem imaginar Seu sofrimento como algo real, não como uma lenda, mas tão reais como os seus próprios sofrimentos, só que muito piores, talvez então seja muito mais fácil vocês seguirem os passos d’Ele, seguirem o caminho d’Ele e continuarem humildes e deixarem Deus assumir, em tudo que diz respeito à vida de vocês.

Depois que Cristo cumpriu a missão na esfera terrena – eu poderia falar horas e horas sobre Sua vida na terra, meus amigos, sobre Seus sofrimentos, Sua morte, mas talvez, se vocês lerem a

Bíblia agora, possam imaginar melhor a profunda importância e realidade de tudo isso – imediatamente após Sua morte, diversas coisas ocorreram na terra, os chamados “milagres” que deviam mostrar à humanidade que havia acabado uma grande fase da história da criação e uma nova grande fase havia se iniciado. Depois de Sua morte física, Cristo voltou ao mundo dos espíritos. E tenho satisfeito as condições, Ele, com um número relativamente pequeno de espíritos especializados nisso, travou uma batalha espiritual no mundo da escuridão. Isso também, meus amigos, pode parecer muito humano, os espíritos travarem guerras. De onde vocês acham que vêm as guerras? Elas são apenas um reflexo da guerra espiritual. É claro que a guerra espiritual não acontece exatamente da mesma maneira que a guerra material na terra, mas a essência espiritual está lá. Também é impossível descrever como ela acontece, porque falta a vocês a percepção e o entendimento, e eu não consigo me expressar em linguagem humana. Só posso dizer, de maneira resumida que pode parecer simbólica, e é simbólica até certo ponto, ocorreu uma guerra entre Cristo e Lúcifer. Vocês precisam usar a imaginação, a visão interior para não tomar essas palavras literalmente, como se fosse uma guerra com armas ou lanças ou o que for, exatamente como é na terra. É claro que não foi assim; mas de qualquer forma, houve uma guerra espiritual. Lúcifer precisou admitir a justiça do mundo de Deus pois, como eu disse antes, Cristo lutou em condições de igualdade. Ele poderia não correr nenhum risco e usar mais força, mais ajudantes, vamos dizer; mas Ele não o fez, pelo mesmo motivo que aceitou viver na terra – para preservar a justiça de Deus até aos olhos de Lúcifer. As chances eram iguais, e isso era tão evidente que nem mesmo Lúcifer poderia negar. Isso era muito importante, pois como eu disse o plano era que, num futuro muito, muito distante, impossível de contar pelo sistema de vocês, o próprio Lúcifer precisará chegar ao ponto em que também ele vai voltar para Deus, como a última das criaturas caídas, assim como ele foi a primeira a voltar-se contra as leis de Deus.

Assim, vocês vêem que Jesus Cristo cumpriu o plano da salvação em todas as esferas. Em cada esfera a tarefa era diferente – em várias esferas do mundo de Deus, onde foram feitos os muitos preparativos; nessa esfera terrestre, e no mundo da escuridão. Terminada a batalha, foram estipuladas novas condições que vigoram desde a época posterior à vida e morte de Cristo na terra e Sua batalha com Lúcifer. Na história de vocês pode-se ler que depois do terceiro dia Cristo subiu aos céus, depois de descer aos infernos. Cada um desses detalhes que foram conservados são, de certa maneira, uma confirmação, embora o elemento tempo nem sempre seja preciso. O tempo é sempre “traduzido”, por assim dizer, pois em espírito o tempo, se existe isso, é individual, psicológico, e muito diferente. Mas não importa, a humanidade transformou esses três dias em um símbolo. Essas novas condições eram que todo ser humano tem a possibilidade de voltar-se para Deus durante seu desenvolvimento da terra, passando de uma a outra vida. Lúcifer tem todo o direito de tentar o homem para procurar subjugá-lo, na medida em que ele sucumbir à sua natureza inferior, mas o homem deve resistir, não deve ser mais um súdito do mundo de Lúcifer, e as portas agora estão abertas para que ele possa unir-se ao seu Criador e habitar mais uma vez os mundos divinos. Até as armadilhas e tentações que Lúcifer pode usar, daquela época em diante, foram limitadas e estão de acordo com a lei divina. O mundo espiritual de Deus passou a ter o direito de interferir para que essas leis divinas sejam observadas estritamente, para que as atividades dos poderes da escuridão sejam limitados e, em última análise, fiquem sob a jurisdição de Deus. É necessário que Lúcifer conserve algum grau de liberdade, não só pela razão, agora já tão explicada, de que ele precisa reconhecer sempre a justiça divina, mas também como um meio necessário de desenvolvimento. Pois o mal precisa ser provado até o fim, em muitos casos, antes de poder ser superado em função do livre arbítrio e da iniciativa de cada ser. O desejo de superar precisa crescer através da iluminação cada vez maior da alma de cada um, e isso, infelizmente, muitas vezes só é possível depois de passar pela escuridão.

Nem é preciso dizer que essa iluminação não pode sobrevir em uma só vida! Atingir a perfeição necessária para entrar no reino de Deus – a perfeição perdida na queda –, desvencilhar-se de toda a escuridão que se abateu sobre a alma, isso nunca pode ser feito em uma só vida. Portanto, são necessárias muitas, muitas vidas ou encarnações. A vida nesta terra é como uma escola, onde o desenvolvimento ocorre de um ano para outro. Às vezes vocês repetem de ano, e depois podem ter uma ou várias encarnações sucessivas em que o aproveitamento é muito grande. Os seres humanos, encarnados a partir do mundo da escuridão, têm a princípio instintos muito baixos e rudes, e somente depois de muitas encarnações pagam os carmas. Muitas vezes, depois de um certo sofrimento e muita influência divina, a atitude começa a mudar, devagar mas firmemente. Quando os sentidos começam ficar um pouco mais apurados, começa o verdadeiro trabalho de encontrar e purificar a si mesmo, e também para essa fase são necessárias muitas encarnações, sempre em novas condições e circunstâncias. Mesmo nessa fase secundária muitos seres ainda não têm forças para encontrar Deus. Ainda existe muito do eu inferior presente para não sucumbir às influências do mundo de Lúcifer, quer isso venha na forma de inspiração direta ou através de instrumentos humanos, involuntários. Assim, são também necessárias muitas vidas para despertar o suficiente para fortalecer a vontade, para a importantíssima finalidade da autopurificação. Somente então vem outra fase na qual começa, de maneira muito gradual, esse processo de purificação. Em cada vida são preparadas as condições para que um determinado aspecto do eu inferior tenha a oportunidade de se aperfeiçoar ao máximo. Vocês vêem, não pode ser de nenhuma outra maneira, pois seria impossível atingir, em uma só vida, a perfeição necessária para entrar no reino de Deus para sempre. Em cada vida, mesmo na pior das hipóteses, alguma coisa é conquistada, mesmo que só possa ser totalmente explorada posteriormente: o período em que o ser declara: “Meu caminho leva a Deus. Não ouvirei o que diz meu eu inferior.” O eu inferior está constantemente, magneticamente em contato com o mundo da escuridão, assim como o eu superior – que está muito mais em segundo plano, é muito mais difícil de atingir ou alcançar através de todas as camadas de imperfeição – está em constante contato com o mundo divino. A personalidade exterior, com a força de vontade, com a capacidade de decidir por um rumo ou outro, tem os meios de, um dia, dar o passo decisivo: “Declaro-me do lado de Deus, do eu superior e tudo que isso acarreta”, deixando de lado a preguiça, o conforto, o caminho da menor resistência, a entrega às próprias falhas. Quer essas falhas sejam assassinato, roubo, perversão, ou sejam agora apenas egoísmo, ciúme, inveja, ressentimento, preguiça ou o que for, não faz diferença, em princípio. Qualquer pessoa que declare e decida e mantenha a decisão de seguir o caminho que leva a Deus, desde a salvação de Cristo, não pode permanecer como súdito do mundo de Lúcifer. Lúcifer não tem poder algum sobre esse ser, seja na terra ou no mundo espiritual. Foi assim que Cristo abriu a porta. E com isso vocês também podem entender por que foi dito que Cristo salvou vocês de seus pecados. Isso só está correto se entendido no sentido de que o grande pecado foi a queda, não permanecer fiel a Deus, tornar-se parte desse mundo de escuridão, esse pecado da queda deixou de ter como consequência a exclusão eterna dos mundos divinos. Cristo salvou vocês disso, e por isso vocês certamente têm todos os motivos do mundo para serem gratos a Ele. Através d’Ele vocês têm agora a possibilidade, por seus próprios esforços e desenvolvimento, de atravessar o limiar. Nesse sentido, está correto. Mas a interpretação de que Cristo morreu por todos os seus pecados e faltas é muito errada.

Essa é, muito sucintamente, a história da criação do universo, da queda, da criação desta esfera terrestre e da salvação através de Jesus Cristo. No início dessa série eu pedi que vocês, meus amigos, me passassem todas as perguntas depois que eu terminasse, todas as perguntas relativas a esse assunto e que não foram respondidas pelo teor dessas palestras. Gostaria de sugerir que vocês pensassem,

relessem minhas palavras, o que naturalmente é essencial, pois vocês perdem muita coisa na primeira audição, e na próxima vez preparassem suas perguntas, que vou então responder com prazer, bem como as outras perguntas que não pudermos responder hoje. Ocorre a vocês alguma coisa agora?

PERGUNTA: Sim. Posso perguntar se a história de “Pistis Sophia” corresponde ao que você disse, é uma história autêntica?

RESPOSTA: Como você mesmo pode avaliar, ali existe muita verdade.

PERGUNTA: Você recomendaria aos participantes a leitura de “Pistis Sophia?”

RESPOSTA: Sim, sem dúvida.

PERGUNTA: E “Arcania Celestia?”

RESPOSTA: Certamente, seria uma idéia muito boa. Gostaria de sugerir que os participantes, todos os que estiverem interessados, se reunissem como vocês fizeram há algum tempo para as palestras que você deu, meu amigo, e que vocês lessem e estudassem trechos do livro. Depois vocês podem discutir o assunto. Isso deve ser feito como um grupo de discussão, primeiro com a leitura de alguma coisa, depois discussão. Você gostaria de fazer isso?

PERGUNTA: Sim.

RESPOSTA: Talvez fosse bom que após esta sessão fosse marcado horário, local, organizadamente. Mais tarde, podem falar de outros livros ou temas. Isso seria extremamente útil como atividade espiritual adicional, e vai contribuir muito para a compreensão de todos. Gostaria de dizer, meus amigos, que a compreensão desses assuntos é muito mais relevante e pessoal do que vocês podem imaginar. Quem conhece minhas palestras vai observar que raramente falo sobre essas coisas. Em geral falo sobre a alma humana, sobre as leis espirituais que se aplicam à alma humana e à vida de cada pessoa. Vou voltar a esse tipo de palestra da próxima vez em diante, com desvios ocasionais, quando vou tratar outra vez dessas questões gerais. Mas todas essas questões gerais devem ampliar a compreensão de vocês sobre a alma pessoal. Tudo que discuti aqui e que meu bom amigo [um membro do grupo] vai mostrar a vocês a partir de outro ângulo é muito relevante para a crença de cada um, e não apenas pelo fato de que entender essas coisas essenciais vai lançar muita luz sobre pontos até então obscuros. Através dessa luz vocês poderão ter uma relação mais pura e mais harmoniosa com Deus. Isso vai eliminar algumas dúvidas sobre a justiça de Deus, como é possível todo esse mal, por que Ele permite esse mal, e assim por diante. E quando essas questões forem esclarecidas vocês poderão voltar-se para o seu Criador com o coração mais livre, e assim encontrar a força de que tanto precisam para seu desenvolvimento pessoal. Mas nem só para essa finalidade é importante terem algum entendimento dessas questões, por mais preliminar que seja; vocês vêm, na alma de todas as pessoas, toda essa história que eu contei nessas quatro grandes etapas se passa com todo mundo, todos os dias, quase a todas as horas. E se vocês puderem, através da meditação, descobrir a repetição pessoal real, não apenas a semelhança, de tudo isso em sua própria alma, vocês terão dado um grande passo à frente. Mais alguma pergunta?

PERGUNTA: Com relação a isso, não. Eu queria saber se cada espírito, encarnado ou não, tem ciência de sua identidade permanente?

RESPOSTA: Ah, sim, com certeza. Sem dúvida alguma.

PERGUNTA: Esse mesmo espírito, separadamente, mesmo sem que a pessoa encarnada saiba, continua a saber o que sabe quando não está encarnado?

RESPOSTA: O espírito que não está encarnado tem um autoconhecimento muito maior do que o ser encarnado porque quanto maior tiver sido o desenvolvimento, tanto maior o autoconhecimento. É um erro acreditar que o espírito na forma mais elevada de desenvolvimento não tem autoconhecimento. É exatamente o contrário. Quanto maior o desenvolvimento, tanto maior o grau de autoconhecimento.

PERGUNTA: Sim, isso eu entendi. Não formulei bem a segunda pergunta, parece. O que eu queria dizer é, enquanto um espírito está encarnado, ele tem um conhecimento separado de si mesmo, mesmo que a personalidade consciente não saiba?

RESPOSTA: Entendo o que você quis dizer. Essa é uma pergunta muito importante. Depende muito do desenvolvimento da pessoa. Para qualquer pessoa que esteja no caminho espiritual que estou sempre defendendo, vai chegar o dia em que ela encontrará seu próprio espírito, ou sua identidade real, que também costumo chamar de eu superior ou centelha divina. Enquanto o homem tateia na escuridão e toma como personalidade total apenas o ser exterior, e talvez parte de seu subconsciente, que na maior parte pertence ao eu inferior, ele não está suficientemente desenvolvido. Quando o desenvolvimento avança como deve, chega necessariamente o momento em que se descobre o subconsciente, como uma pessoa diferente, por assim dizer. Esse é o primeiro passo. E naturalmente nem sempre é agradável. Porque o subconsciente tem vida própria, ele até mesmo pensa até certo ponto, à sua maneira muito limitada e cega – muito diferente da mente consciente. A princípio muitas vezes isso é um choque, a menos que a pessoa esteja preparada para esperar exatamente isso, preparada também mediante o fortalecimento e a aquisição da verdade e conhecimento espirituais, por exemplo o conhecimento de que esse ainda não é o eu final. Somente depois que esse eu inferior, o subconsciente, for conhecido e enfrentado totalmente, entendido e reformulado quando houver necessidade – e esse é um processo longo – vocês vão muito lentamente, muito raramente a princípio, mas depois cada vez mais penetrar no eu superior, na identidade verdadeira e permanente. E se o desenvolvimento continuar avançando, esse eu superior, esse seu espírito santo, virá cada vez mais à tona e se manifestará em conjunto com o seu ser consciente, com o seu cérebro ou intelecto onde reina a sua vontade exterior. Se a personalidade externa e ativa estará ou não em contato com o eu superior é apenas uma questão de desenvolvimento e de esforço pessoal. A diferença é essa: se vocês tiverem se identificado com o eu superior, vocês têm as rédeas, são de fato senhores de si mesmos, da vida como um todo. Mas se vocês ainda estiverem, subconscientemente ou sem o intelecto saber, sem entender por que agem dessa forma ou por que pensam dessa ou daquela forma, nesse caso vocês não determinarão a própria vida, serão levados por ela. Não serão o senhor, e sim o escravo. Assim, naturalmente é possível que a verdadeira identidade do espírito se manifeste. Digo que não é apenas possível, mas que é o objetivo do caminho espiritual. Isso responde a sua pergunta?

Meus amigos, vamos deixar as outras perguntas para a próxima vez. Como eu não queria interromper outra vez essa palestra, não há tempo para todas as suas perguntas esta noite, e da próxima vez teremos mais tempo para as suas perguntas, dependendo do número delas.

Com isso, meus amigos, retiro-me para o meu mundo. Peço a todos vocês, a cada um de vocês, vão para Deus e não se esqueçam de que Ele pode estar muito perto de vocês. Ele está perto de vocês, mas muitas vezes vocês não estão perto d'Ele! Encontrar a luz e a solução para os seus problemas só depende da direção em que vocês olharem. Vou ajudar vocês ainda mais com os seus problemas. Fiquem em paz, meus amigos, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.